

Literatura, Arte e Feminismos

Adriana de Fátima A. L. Barbosa
Susana Souto Silva
(organizadoras)

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Fernando César Lima Leite
: Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
: Carlos José Souza de Alvarenga
: Estevão Chaves de Rezende Martins
: Flávia Millena Biroli Tokarski
: Jorge Madeira Nogueira
: Maria Lidia Bueno Fernandes
: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
: Sely Maria de Souza Costa
: Verônica Moreira Amado



Literatura, Arte e Feminismos

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa
Susana Souto Silva
(organizadoras)



Coordenação de produção editorial : Equipe editorial
: Luciana Lins Camello Galvão
Preparação e revisão : Elaine Pires
Projeto gráfico : Wladimir de Andrade Oliveira
Diagramação : Haroldo Brito

: © 2019 Editora Universidade de Brasília

: Direitos exclusivos para esta edição:
: Editora Universidade de Brasília

: SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
: 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
: Telefone: (61) 3035-4200
: Site: www.editora.unb.br
: E-mail: contatoeditora@unb.br

: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
: desta publicação poderá ser armazenada ou
: reproduzida por qualquer meio sem a autorização
: por escrito da Editora.

: Esta obra foi publicada com recursos provenientes do
: Edital DPI/DPG nº 3/2019.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

L766 Literatura, arte e feminismos / Adriana de Fátima Alexandrino
 Lima Barbosa, Susana Souto Silva (organizadoras). – Brasília :
 Editora Universidade de Brasília, 2021.
 202 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-008-4

1. Literatura. 2. Arte. 3. Feminismo. I. Barbosa, Adriana de
Fátima Alexandrino Lima (org.). II. Silva, Susana Souto (org.).
III. Série.

CDU 82:396

Sumário

Apresentação 7

Capítulo 1

Mulheres: caminhos e atalhos na ficção de Clarice Lispector 11

Nádia Battella Gotlib

Introdução: o mito e a desmitificação 12

Um conto: Luísa. Uma situação 17

Uma crônica: Artemira. Um retrato 19

Um romance: Janair. Um processo 23

Conclusão. É a hora 25

Capítulo 2

“Mulher é gente tão infeliz... Carece de ter coragem” – Diadorim & Grande Sertão: Veredas 29

Caroline Neres de Andrade

“Tão galante moço, as feições finas caprichadas” 30

“Saudade de ideia e saudade de coração” 36

“Nas estórias, nos livros, não é desse jeito?” 39

“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” 45

“Mulher é gente tão infeliz... Carece de ter coragem” 52

Capítulo 3

O feminino e a insurreição pela linguagem 69

Ondina Pena Pereira

Capítulo 4

Feminismo, revolução e artes visuais 81

Raísa Curty

Capítulo 5

A paz só aparece nessas horas, em que a guerra é transferida, viu? (ou o estridente presságio de 2019 no Brasil) 89

Hilan Bensusan

Capítulo 6

O discurso da feitiçaria e o transe do neoliberalismo 97

Susan de Oliveira

Capítulo 7

“Irmãs”, de Kollontai: o debate sobre o lugar da mulher na literatura e na práxis social 113

Carla Cristina Guimarães

Thais Cristina da Silva

Alexandra Kollontai: vida e militância 115

O conto “Irmãs” à luz dos pressupostos de Kollontai 120

Capítulo 8

O consumo da arte negra: desafiando ou reproduzindo os discursos coloniais? 133

Milena Britto

O pós-colonial *versus* o colonial nas artes 133

Arte negra para quem? 139

Capítulo 9

Lygia Fagundes Telles e os percalços da autoria feminina 153

Lizandra Filgueiras Andrade

O lugar da autoria feminina 161

Escreva como uma mulher: a busca pela manifestação artística do “eu” 166

Capítulo 10

Inteligência coletiva e amizade política: por uma teoria da vanguarda feminista 177

Cecilia Palmeiro

As línguas das loucas 180

Quando a história se torna crítica, a arte se radicaliza 184

Poética e vanguarda 189

5

Capítulo 5

A paz só aparece nessas horas, em que a guerra é transferida, viu? (ou o estridente presságio de 2019 no Brasil)

Hilan Bensusan

*Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma,
não, senhor. Não solto pomba nenhuma, não, senhor.
Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou.
A paz é uma desgraça.
Uma desgraça.
Carregar essa rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não.
Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar.*

*Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão.
A paz não resolve nada. A paz marcha. Para onde marcha?
A paz fica bonita na televisão.*

(Marcelino Freire)

Gostaria de falar da arte do cata-vento (*spinning*). Uma arte das bruxas, de *gantowisas*, das tagarelas, das Estamiras, das Carolinas, das empregadas domésticas de Lispector, das hereges, das devotas, das malditas. Cata-ventar, diz Mary Daly (1978), é um artesanato perigoso. E ela diz, citando Mircea Eliade, que silencia sobre a mutilação genital feminina e que descreve o rito de cata-ventar como iniciação feminina, que tornar-se mulher significa girar, transversalizar, sair da perspectiva sem sair do lugar, enxergar com outros olhos, desatar, sacudir o empecilho, fazer ressuscitar; é para Daly (1978) soprar a poeira da necrofilia, equivocar, desconstruir, entrar em uma jornada contra as paredes sem portas, encontrar uma claridade fora da linguagem geopolítica, transferir-se, deferir-se, referir-se, inferir-se, aferir-se sem ferir-se, fazer com os olhos o golpe de vista: “– Estes nativos da terra patriarcal que dizem que propriedade é (extensão do) corpo e que então a paz é paz e que não é guerra estão tentando nos despistar”.

No meio das instituições golpeadas e, ainda assim, obedientes, Naruna aparece narrando “Da paz”, de Marcelino Freire, dizendo que a paz é branca, pálida, que só a química faz a barata fugir – como a guerra transferida para outra parte. A paz é uma arma da guerra. A paz se confunde com a lei e a ordem. Há talvez as pazes que se fazem, já que fazemos guerra, porém fazemos as pazes. Fazer as pazes é fazer mais do que uma paz.

Mary Daly (1978), segundo Berit Ås e segundo Robin Morgan (1989), em um exercício de citação cata-vento, de ex-citação interminada, diz também que o patriarcado é o estado de coisas em que ou nos preparamos para iniciar, vivenciar ou nos recuperar de uma guerra. Como um ciclo, uma roda, uma trajetória circular: aquilo que não é mais guerra já é luto pela guerra, o apaziguamento que, como a roda gira, se torna de alguma maneira preparação para a guerra.

Daly (1978) não diz que se recuperar da guerra é já preparar-se para a guerra – note que as guerras são muitas, ainda que o

acontecimento patriarcal da guerra seja um só. Ela nem sequer diz se as três eras patriarcais podem ser simultâneas, e, de fato, elas coincidem, já que a recuperação da guerra de um lado é a preparação da guerra de outro. Mas consideremos que se trata de um ciclo que se repete indefinidamente patriarcado afora – e que se repete indefinidamente em várias velocidades, vários contextos, várias situações. Como uma manivela automática que substitui o vento, como um redemoinho criado por uma máquina que coloca a água a girar em uma represa mesmo contra a corrente, contra a correnteza, contra a correria, contra a corredeira. A manivela automática da história patriarcal – das mesmas histórias que se repetem sempre e com personagens que se imitam uns aos outros como tragédia ou como farsa – tem uma força arrebatada.

Porque a guerra é situada, a paz aqui é a guerra lá; a paz em casa é a guerra na rua, a paz no centro é a guerra na periferia, a paz de quem compra é a guerra de quem produz. Mais do que isso, a paz é o chega para lá da guerra: se recuperar da guerra aqui é se preparar para a guerra lá, se recuperar da guerra em casa é preparar a guerra na rua, se recuperar da guerra no centro é preparar a guerra na periferia, se recuperar da guerra para quem compra é se preparar para a guerra para quem produz. Se recuperar da guerra para os brancos é se preparar para a guerra para as negras. A concepção do mundo dos patriarcas é a decepção do mundo das pornoterroristas. Os mastros em que os poderes penduram bandeiras as traças devoram desde o dia da inauguração. Se recuperar da guerra nos círculos empresariais que venceram a batalha da reconquista colonial da América Latina é, para os becos do continente, *ficar traçando muitos planos para poder contra-atacar*.

Ainda assim, há a passagem do momento da recuperação da guerra para preparação para a guerra. É esse momento que o patriarcado suspende, abrevia, faz evanescer, corrói de ansiedade. Esse momento de transição gera a perplexidade: quando foi que deixamos o luto, que deixamos de recuperar as feridas passadas, que deixamos de tentar curar e passamos a nos preparar para o conflito que vem? Quando em nossas vidas deixamos o luto e preparamos para a luta?

Não tenho dúvidas de que, no regime do patriarcado, o melhor período é o luto, é a recuperação da guerra. Assim descreve Emmanuel Levinas (1976) o pós-guerra: “quando as vítimas sabem ao menos para onde olhar, seus espaços desolados pertencem a um mundo e de novo existe uma opinião não discutida, instituições indiscutíveis e uma Justiça [...] a violência não ousa dizer seu nome”. Fica parecendo o tempo da hospitalidade, da abertura, da lambida nas feridas, é o momento em que a máquina necrófila parece parar; o luto é a interrupção. É o luto, a *dexistência*, o momento em que há um espaço de convívio, o momento da ferida, a ferida que não pode ser outra senão a de quem já sangrou por si mesmo, a ferida de quem sobreviveu, de quem viveu além de seu esforço por si mesmo, de quem sobreviveu à guerra pelo controle do mundo. A convalescença. A desistência de si que abre o espaço para os outros, o si ferido.

O si ferido talvez seja a experiência patriarcal mais próxima da invenção, do espírito de escuta, da generosidade, da *simpoiesis*, da colaboração que surge da dor comum, do repouso de quem deixou de lado o ímpeto da luta, de quem responde a um terror que ficou para trás com paciência. A paz assim parece paciência. Uma ciência. A interrupção de quem se feriu, de quem viu a mortandade e sobreviveu à necrofilia e que gostaria de não mais voltar ao campo da morte. Uma espécie de maturidade de quem entende que ainda há espaço para a biofilia.

Daly (1978) entende que o patriarcado suprime a biofilia feminina. Mesmo que faça assim para recolher e abrir caminho para a vida ferida, mesmo no campo de morte; aquela biofilia de Anjun, no romance de Arundhati Roy, *The ministry of utmost happiness* (2017), faz com que ela promova um povo dos sem cabimento, dos refugiados da necropolítica que vão viver no cemitério, o povo dos cimiteriais. Os cimiteriais são os que lambem a ferida, os que convivem nos interstícios das disputas, nas fronteiras abandonadas entre os conflitos, os que aprendem a *staying with the trouble*, como Donna Haraway (2016) entende que nós temos que fazer em uma Terra danificada.

Anna Tsing (2015) invoca o trabalho biofílico do cogumelo nas ruínas, o cogumelo que mostra como nas encostas das ruínas do capitalismo há a possibilidade de alguma invenção. O luto é a recomposição,

é uma recompostagem – é o momento de *spinning*, o momento de uma hélice que busca em direção a uma outra integridade; o luto que o patriarcado distribui é o momento em que ele roda como um cata-vento, que ele dispara em uma direção de criação, que ele aponta a hélice em direção a si mesmo, revira como o cata-vento de um liquidificador que procura uma outra conformação da matéria. O luto assim parece com a paz. Levinas (1976) olha para o luto, para a Europa em luto, no meio do racismo dela, do imperialismo dela, da exploração impiedosa que ela promove, da modernidade de Atlântico Norte que ela generaliza, e enxerga miséria e destruição, e enxerga uma paz e uma justiça no luto. *As vítimas sabem ao menos para onde olhar*. Mas a paz é branca, e o lugar para onde olhar é igualmente branco. Pálido.

Peter Handke (1994), no seu ensaio sobre o cansaço, fala de como o cansaço coletivo aproxima as pessoas. Há uma espécie de falta de forças para a disputa que é compartilhada. A falta de forças congrega, cada um carrega um peso, uma *dexistência*. Trata-se da mesma coisa, o cansaço do conflito – a fase em que nos recuperamos da guerra. O diagnóstico caolho de que não estamos mais em guerra, que ela se esvaneceu, se transportou, partiu para outro sítio – caolho do caolho europeu. E, no entanto, também esta era patriarcal do luto chega ao fim, e é substituída eventualmente por uma integridade. A integridade que se segue ao descanso já não traz mais a ferida, já não traz mais a interrupção.

Em um texto publicado nas eleições de 2017, na França, Bruno Latour (2017) defende a ideia de que a calamidade ecológica tem sido a protagonista da macropolítica mundial nos últimos trinta anos, pelo menos. As políticas de integração e da distribuição de riqueza foram abandonadas em favor da convicção de que os recursos são escassos demais para serem acessíveis a todos. A preparação para a guerra é já a alocação da guerra, a produção dos campos de morte – a necropolítica do Terceiro Mundo, a degradação dos recursos em favor de quem se prepara para se salvar, a preparação para a descartabilidade da Terra. Aqueles globais, humanos, que se salvam da catástrofe, são os que se preparam para a guerra; aqueles que se recuperam da guerra são os que ficam com o problema.

De algum modo, passamos da recuperação da guerra para a preparação para a catástrofe. Ainda que caolha, a recuperação da guerra, que foi o grande luto dos anos que se seguiram, acabou. O luto chegou ao fim. Ele não era paz. Entre se recuperar da guerra e se preparar para a guerra não há paz, não há tempo para a paz – o patriarcado se acelera. O luto parecia um pouco a paz. Mas acabou. Não há tempo mais para o luto. Seu tempo acabou. Não há mais tempo para ele. Tudo já está mais rápido, rápido como o tempo que se prepara, que se precipita, que se prescreve a si mesmo.

Em algum momento espalhado por esses anos acelerados, o luto deu lugar aos preparativos. É preciso se fortalecer, se abastecer, guardar as forças que sobram, porque a catástrofe ainda vem. E a catástrofe atual, feita da anástrofe da catástrofe que vem, é ainda pouca catástrofe. Vocês não viram nada ainda. Qual é a forma da catástrofe? Adrienne Rich (1973) diz mais ou menos que este aqui é um mundo do homem, mas ele acabou. Eles o venderam para as máquinas. Nada vai salvá-lo, e estamos sozinhos chutando os últimos gravetos com um estranho cheiro de vida, não de morte; pergunta-se no que tudo se tornou. Rich está ciente do *dramatis personae* que compõe as eras patriarcais em intensidades de aceleração: os homens, as máquinas – que são novos homens –, o dinheiro – que compra e vende a guerra como paz –, o luto – como um tranquilo *shopping al* –, a preparação para a catástrofe – como um salve-se quem puder (comprar).

Um cogumelo e tudo se torna o que já foi. Depois do cogumelo, sua ressaca, feita de enterrar os mortos, lambe as feridas, ter a generosidade dos sobreviventes... Mas os sobreviventes não dão o tom do mundo. Nem são os patriarcas feridos que acumulam os poderes. Ou eles se recobrem das feridas em nome dos herdeiros, que serão patriarcas renovados, ou eles se aposentam e deixam aos demais o comando da manivela, que dispara mais rápido que a correnteza.

Passaram as gerações do luto, surgiu o comando da preparação. Gonca Bahar, que conviveu com Heráclito em seus últimos tempos de vida, já em Deir Al Balah, onde ele desapareceu depois dos bombardeios de janeiro de 2009, conta que ele desconfiava da busca da quietude.

Heráclito acreditava, ela dizia, nos desequilibrados (ver seu fragmento recente 160). E não é que ele não gostasse de quietude; passava dias deitado olhando o mar ou as montanhas ao longe. Gostava de dormir e de estar em silêncio. Mas não procurava a quietude. Ela conta que aprendeu com ele que dos vícios o pior é o da tranquilidade – e como o ópio, a tranquilidade satisfaz bastante. Sobre a paz, ele falava sempre no plural (*silam*). Heráclito preferia aprender sobre a vida fora dos jardins zoológicos. Talvez ele quisesse dizer que estava vendo surgir um *polemos* artificial, uma história controlada – como a manivela que corre mais rápido que a correnteza. O próprio surgimento do que acontece – das eras patriarcais que se sucedem em torno da guerra – parece não mais ser digno de crédito. Se mataram Deus, simularam a história.

E agora, isto: a indistinção entre o simulacro e o desmascaramento. Cada vez menos a confiança precisa ser preservada. E quem pode acreditar quando não há instituições indiscutíveis? Não porque a dúvida ela mesma pode elevar o estatuto da questão a uma glória própria, mas porque também ela nem é digna de nota. Se querem paz, preparem-se para a guerra, para a catástrofe, para encontrar os inimigos em qualquer parte. A paz da preparação para a guerra nunca chega. Nem sequer sabemos reconhecer seus indícios. A catástrofe para a qual nos preparamos, nós a preparamos.

Referências

BENSUSAN, Hilan; ANTUNES, Leonel; FERREIRA, Luciana. *Heráclito: exercícios de anarqueologia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2012.

BENSUSAN, Hilan; LABARRÈRE, Teresa. *Dexistência: pulsão de pausa*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5bcee_0N6r4&t=19s. Acesso em: 30 jun. 2020.

DALY, Mary. *Gyn/Ecology: the metaethics of radical feminism*. Boston: Beacon Press, 1978.

DA PAZ de Marcelino Freire por Naruna Costa. *Portal Geledés*. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/da-paz-de-marcelino-freire-por-naruna-costa/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

HANDKE, Peter. *The jukebox and other essays on storytelling*. Nova York: Farrar Straus & Giroux, 1994.

HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

LATOURE, Bruno. *Où atterrir: comments' orienter en politique*. Paris: La Découverte, 2017.

LEVINAS, Emmanuel. Sans Nom. In: *Noms propres*. Paris: Fata Morgana, 1976.

MORGAN, Robim. *Demon lover: on the sexuality of terrorism*. New York: Washington Square Press, 1989.

PASSAPUSSO, Russo; BARRETO, Roberto; BASS, Seko; CHAO, Manu. Sulamericano. Intérprete: Baiana System (feat. Manu Chao). In: *O futuro não demora*. Bahia: Selo Máquina de Louco, 2019. Disco. Faixa 4 (4min6s).

RICH, Adrienne. *Diving into the wreck: poems 1971-1972*. New York: Twayne, 1973.

ROY, Arundhati. *The ministry of utmost happiness*. Londres: Penguin, 2017.

TSING, Anna. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Literatura, Arte e Feminismos

Este volume reúne trabalhos escritos em um contexto adverso, que enfrentamos com a cuidadosa escrita e preparação de artigos que, agora entregues ao público, expandem os debates que aconteceram no II Encontro Literatura, Feminismos e Revolução, realizado em 2018 na Universidade de Brasília. Organizado por nosso Grupo de Pesquisa Literatura e Corpo, do Programa de Pós-Graduação em Literatura, o tema do encontro de 2018 foi “As caças às bruxas e a ferocidade branca”. Esta obra reúne ainda outras colaborações qualificadas de pesquisadoras de várias instituições do país, as quais integramos numa ampla rede de diálogo que desejamos alargar para pensar questões relativas aos feminismos e aos estudos literários em perspectivas plurais.

Foto ao fundo:

Arquitetura
do Memorial
Darcy Ribeiro
(Beijódromo)/UnB.
Por Júlio Minasi.



EDITORA



UnB